

POESIA NA/DE RUA: IMPLICAÇÕES INICIAIS SOBRE O MOVIMENTO OS POETAS NA PRAÇA

Marcelise Lima de Assis¹

Orientador: Dr. Washington Luís Lima Drummond

Resumo: O paper apresenta algumas noções de um estudo inicial sobre o movimento os poetas na praça, pretendeu-se começar a seleção de alguns conceitos que serão fundamentais para o desenvolvimento da dissertação como: informe, heterogêneo, homogêneo. Para tanto foram utilizados alguns autores como Bataille (1987) e Drummond (2013). O texto apresenta o movimento, expõe um pouco do seu percurso histórico-literário durante a atuação na praça da piedade em Salvador-BA nos anos 1980.

Palavras-Chave: os poetas na praça. Informe. Heterologia. literatura.

A verdade dos interditos é a chave de nossa
atitude humana.

(Georges Bataille 1987, p. 26)

O movimento *Os poetas na praça* aconteceu em Salvador e tinha como cenário a Praça da Piedade. Tudo começou no ano de 1979 com um sentimento de transgressão em relação ao momento em que a cidade e o Brasil viviam – Finais de um regime opressor (final dos anos 70) e abertura para a redemocratização do Brasil (anos 80), o que, para Santiago (2004), trouxe novos ares para o campo da música e da literatura no Brasil. O movimento dialoga com o que ficou conhecido por poesia marginal dos anos 70. Em suma, os poetas marginais dos anos 70 buscavam questionar os sistemas vigentes e normativos da época através da escrita e outras formas de fazer artístico, como diz Hollanda (2007). Ao que podemos observar, um dos maiores desejos do movimento em estudo era o de popularizar a poesia, com ela queriam fazer despertar nas pessoas a consciência e senso crítico da realidade.

A partir do que foi inicialmente apresentado, cabe começarmos a elencar alguns conceitos que serão base para esta pesquisa que se encontra em estado inicial. Os conceitos de homogêneo e heterogêneo discutidos por Georges Bataille (1987) e Washington Drummond (2013), ambos, estudiosos das temáticas. Os conceitos nos possibilitam, a priori, pelo menos dois modos de olhar o mundo – aquele que tende a olhar o todo, de cima, em uma tentativa de ver e fazer ver alguma unidade, e aquele que olha de dentro, fazendo ver e aparecer sua diversidade ou sua heterogeneidade.

Por ser uma produção cultural, a literatura por muito tempo esteve sob o domínio das pessoas ditas ‘cultas’, que possuíam legitimidade para tal, o que, para Regina Dalcastagnè (2012), acabou por colocar toda uma gama de escrita, poesia falada, improviso, no campo da ‘não literatura’, a exemplo

¹ Mestranda em Crítica Cultural - Universidade do Estado da Bahia. Orientador: Dr. Washington Luís Lima Drummond. Endereço eletrônico: lisy_assis@hotmail.com.

de Carolina de Jesus, que teve seus escritos colocados neste ‘devido lugar’ do não literário, e sim do diário, do relato, etc. Mas, o que seria o homogêneo e o que perdemos com ele?

Perdemos o heterogêneo. Pois eles são expulsos dos reinos homogeneizados. O homogêneo é tudo que possui unidade e ou que se quer unidade, enquanto que o heterogêneo está exatamente em posição informe, ou melhor, o heterogêneo é tudo aquilo que coloca o homogêneo em estado delicado e frágil. Para Drummond (2013, s/p) é preciso instaurar a “heterogeneidade no seio do que se quer homogêneo, forçando o aparecimento de singularidades”. Desse modo, como pensar a atuação do movimento os poetas na praça como um modo informe do fazer literário? Podemos arriscar uma resposta inicial: no lugar do descontínuo. Seria ele a parte heterogênea reagindo a alguma imposição do sistema literário da época? O que levou o movimento os poetas na praça a criarem tal movimento de modo tão revolucionário? São questões que estamos levantando a partir dos conceitos aqui elencados, para que possamos posteriormente tentar compreender as inquietações do movimento, vez que, esta pesquisa ainda se encontra em estado inicial. Dando continuidade aos questionamentos: o que ganhamos e aprendemos com a heterogeneidade?

Como elencamos anteriormente com Regina Dalcastagnè (2012), o fechamento do conceito de literatura faz surgir às não literaturas ou literaturas de margens. Sendo assim, com a homogeneização perdemos o que há de singular em cada grupo social/cultural, perdemos a escrevivência, a marca cultural dos grupos que ficaram geograficamente e historicamente fora. Aqui um questionamento importante a se fazer e pensar: e por que não continuar fora?

Se o centro literário e ou o centro de qualquer esfera da sociedade é composto de noções universais, disciplinares, homogeneizantes, qual a razão de uma literatura dita de margem querer o centro? Leigo engano querer o centro? Ao que se vê, o centro enquadra a literatura, as academias não aceitam qualquer forma de escrita, ela é normativa e disciplinar. O que nos faz pensar no movimento os poetas na praça, que não parecia querer o centro, mas o descentramento, a democratização da arte, a liberdade do corpo, da sexualidade, da palavra que estava, segundo eles, aprisionada dentro das academias, como nos diz Almeida (2015). Reivindicava um mundo menos enquadrado em formas binárias, centrais e excludentes.

Como vimos, o homogêneo trabalha na formação do corpo hegemônico, enquanto que o heterogêneo é aquilo que escapa, que inventa, que fere uma norma do corpo hegemônico. Ou melhor, é aquilo que, de repente se mostra transgressor, o que em Bataille (1987) afirma os interditos.

Interditos, proibições, formas fechadas em si, noções disciplinares. Se pensarmos com Michael Foucault (2004), (disciplina do corpo – séculos 18 e 19, posteriormente, disciplina da população) o

sistema literário, como todo sistema organizado, define o corpo que ele quer, o texto que ele quer, o modo como ele quer. É normativo, programado, aos moldes foucaultianos de compreender a organização social, assim, interditos são as proibições – o que pode e o que não pode ser, seja de base religiosa, moral, histórica, social etc. Mas para Bataille, (1989, p. 22) “A literatura é mesmo, como a transgressão da lei da moral, um perigo”, pois “Sendo inorgânica, ela é irresponsável. Nada se apoia nela. Ela pode dizer tudo”.

Os poetas na praça parecem romper com a lógica de ordem normativa, e assim se mostram transgressores dos interditos/proibições, principalmente os morais relacionados ao corpo, como podemos perceber nas imagens em anexo 01 e 02, nas quais os poetas aparecem quase sem roupas – em uma sociedade vestida, aparecer sem roupa na praça para declamar poesia é um ato transgressor do corpo/palavra.

Por isso o movimento pode ser entendido como uma das faces malditas dentro do que se entende por literatura na Bahia e no Brasil. Malditos por transgredirem aos sistemas tradicionais e seus fundamentos excludentes, tanto de pessoas, como de temáticas sociais. Na praça, todas as pessoas podiam se apresentar, moradores de rua, trabalhadores, domésticas, o que os poetas queriam era levar as pessoas a falarem o que estivesse na mente e ou tivesse desejo de exteriorizar, seja sobre si, seja sobre a condição social Almeida (2015). A voz era o lugar do encontro com a poesia na/de rua (ver imagem 01 e 02 em anexo). Ou melhor, podemos ler que para o movimento, todos os que ali transitavam, eram poetas, eram pessoas com marcas de trabalho, marcas de vida, com experiências, com suas dores e alegrias.

Sendo assim, podemos ler essa transgressão como uma investida informe por parte do movimento. Vale lembrar que, informe, no pensamento Batailliano não como uma forma, mas como decomposição. As formas contornam o caos, humanizam as relações e aí mora o perigo. Desse modo, o movimento não parecia estar pensando em ‘organização de uma forma’, isto era competência do sistema, mas em trabalhar para desestabilizar as formas vigentes, usando da poesia (de cada sujeito social) não para imitar a realidade ou coisa parecida, mas para intervir e transgredir a tal realidade.

Para Douglas de Almeida (2015), a partir de seu conhecimento e por ser parte do movimento, dentre as diversas fases que passou o movimento, ele destaca três:

[...] o primeiro, de 1979 até 1982, como um grupo mais fechado e politizado; o segundo, de 1983 a 1986, com uma característica de movimento, ou seja, com subgrupos com propostas distintas; e o terceiro, de 1987 até 1989, caracterizado por posturas mais individualistas e pela sua gradativa diluição. (ALMEIDA, 2015, p. 18).

Como todo movimento, os poetas na praça também tiveram seus momentos específicos durante o tempo, uma vez que, cada tempo possui períodos peculiares. Assim, acreditamos que as coisas não precisam durar para sempre, e o movimento parecia possuir objetivos pontuais para a época e uma delas fazia parte da redemocratização dos modos de produção, sobretudo o da literatura. Após quase dez anos de atuação o movimento para de acontecer na praça.

O INFORME COMO UMA INVESTIDA SUBVERSIVA

Heterologia e informe são constitutivas de heterotopias
— espaços sem mapas ou cartografias — e alteridades.
(DRUMMOND, 2015, p. 208)

Podemos pensar o informe ao lado do heterológico, o informe é o que vai trabalhar com o heterológico para não virar homogêneo – podemos então dizer que o informe é o que está sempre trabalhando em decomposição.

Em um diálogo ainda inicial entre conceitos e objeto de pesquisa, podemos observar o movimento os poetas na praça como um modo subversivo às ações tradicionais e hegemônicas da literatura e demais ditames da época, desenvolvendo, assim uma crítica aos sistemas homogeneizantes. Uma organização estrategicamente caminhando em oposição ao controle: de estado, acadêmico e ou de ordem militar, ou melhor, movimentavam-se contra as formas de controle do corpo e social. Assim, para Drummond (2015, p. 207) “A heterologia vai se opor a qualquer possibilidade de representação homogênea da realidade, daí o conceito de informe”, ou melhor, como podemos notar na citação que segue, em nota de Jolivaldo Freitas no jornal *À tarde*:

Todos os dias, dez ou mais poetas estão se reunindo na Praça da Piedade, em recitais improvisados. O público é heterogêneo. Mas aos poucos se torna cativo. São os vendedores ambulantes, comerciantes, lojistas, bancários, estudantes e os moradores locais, que toda as tardes, na boca da noite, sentam nos bancos, fazem roda, ouvem, criticam e aplaudem os versejadores. (FREIRAS, Josivaldo. Na praça, no meio do povo, eles mantêm o valor da poesia. *À tarde*, 20 de novembro de 1979)².

A heterogeneidade do movimento estava, como podemos notar na citação, nos ambulantes, lojistas, bancarias, moradores do local, estudantes etc, que se uniam para expressar através da poesia falada e corporal suas maiores inquietações e as inquietações daquele tempo.

Ao que podemos notar neste percurso inicial de pesquisa, a linguagem clássica da poesia aprisionava a palavra de quem não queria falar de modo clássico, prudente etc, assim, podemos ler a

² Ver em livro organizado por Douglas de Almeida sobre os poetas na praça: ALMEIDA, Douglas de. *Movimento poetas na praça: entre a transgressão e a tradição*. Organização Douglas e Almeida. Salvador: Câmara Municipal, 2015.

poesia dos poetas e até mesmo o modo como se apresentavam como algo indigestível, literatura indigesta pelo sistema literário vigente, comportamentos indigestos por parte de alguns grupos. O que para Drummond (2015, p. 207) “O sentimento de pavor e recusa daquilo que assusta, por nunca antes ter sido experimentado ou pensado, seria provocado pelo informe que ameaça a ordem vigente, ao mundo harmonioso aliado às exigências produtivas (sejam econômicas ou sexuais).”

CONCLUSÃO:

Entendemos que a literatura é um lugar de perdas, os poetas, ao escreverem, recitarem, se inscreveram na cidade, na praça, nos corpos, transgredido as normas que tentavam calar suas vozes, o que lhes deixou como legado desconfortos sociais por parte de alguns grupos, vistos como malditos por outros – o ato de transgredir é este lugar do desconforto social, do peso.

Sendo a literatura um objeto social e cultural, ao refletirmos sobre sua institucionalização, podemos pensar que todas as organizações sociais institucionalizam, normatizam o corpo, por outro lado, tudo que questiona essa normatização institucionalizada, são vistas como formas heterogêneas que não se submetem à normatização, e assim, ferem a ordem social harmônica dos corpos bem estruturados, então, o heterogêneo Batailliano é o que vai deixar o homogêneo em estado frágil e abrir espaço para o obscuro – aquilo que não tem/tinha cena.

Finalizamos com a hipótese de que o caráter informe dos poetas na praça parece atuar “como a dissolução sacrificial do constituído, do edificado, daquilo que se dá enquanto sistema” Drummond (2015, p. 207) e sistemas que se querem homogêneos para alcançarem patamares hegemônicos, sejam eles literários, corporais, comportamentais, econômicos etc. Assim, se a literatura é um direito, os poetas na praça se viram no direito de abandonar a expressão intelectualizada da literatura, por perceberem a face elitizada da escrita literária da época, e buscaram popularizar o trabalho literário para libertar a literatura das velhas formas, investido na linguagem precária e informal, da qual deriva sua potência libertária e variações transgressoras!

Vale lembrar que esta pesquisa está em fase inicial, o que nos coloca diante de leituras ainda especulativas, posteriormente, com o aprofundamento das entrevistas, análise e interpretações dos arquivos teremos conclusões mais seguras.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Douglas de. *Movimento poetas na praça: entre a transgressão e a tradição*. Douglas e Almeida (Org.). Salvador: Câmara Municipal, 2015.

- BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Trad. Antonio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- BATAILLE, Georges. *A literatura e o mal*. Trad. Suely Bastos. Porto Alegre: L&PM, 1989.
- BATAILLE, Georges. *Le dictionnaire critique*. Paris: L' Ecarlate, 1993.
- CORREIA, Messias Nunes. *Poética do corpo a céu aberto*. Movimento Poetas na Praça: cultura, trajetória e resistência. Disponível em: <<http://periodicos.uesc.br/>>. Acesso: novembro 2016.
- DRUMMOND, Washington. A escrita literária: heterologia, despesa e os dispositivos estatais. In: *Anais do XIII Congresso Internacional da ABRALIC Internacionalização do Regional*. Disponível em: <<http://www.editorarealize.com.br>>. UEPB, Campina Grande, 2013.
- DRUMMOND, Washington. *Sacrifício das formas: da estética ao sujeito*. Revista Ideação, n. 31, Jan./Jun. 2015.
- FOUCAULT, M. *Os corpos dóceis. Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 29 ed. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 125-52.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *26 poetas hoje*. 6 ed. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2007.
- SANTIAGO, Silvano. A Democratização no Brasil (1979-1981): Cultura versus Arte. In: *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

ANEXOS:

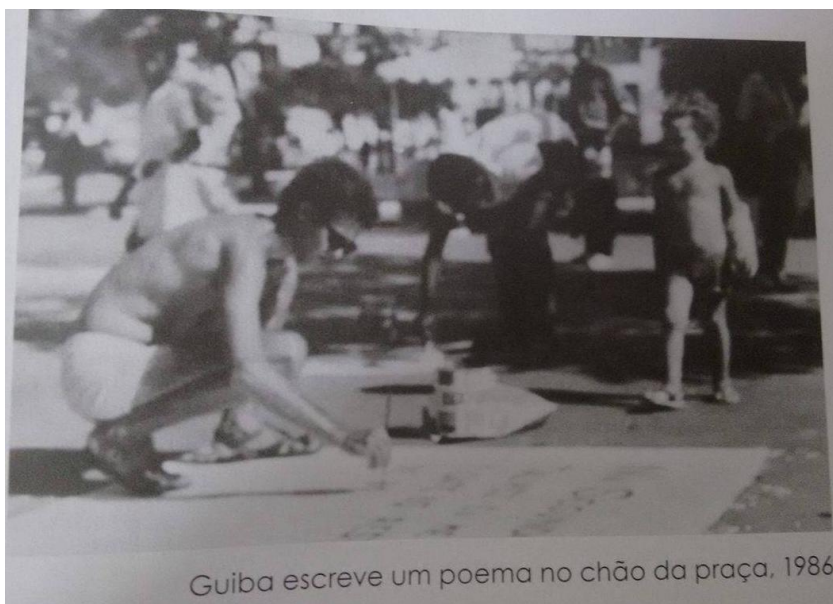


Imagem 01: Guiba escreve um poema no chão da praça, 1986.



Imagem 02: Lavagem da Praça da Piedade, 10 de janeiro 1986: Nelson Dutra, Eduardo Teles, Guiba e Walter César.

